

UM VIOLINISTA NO CÉU *A FIDDLER IN THE SKIES*

Edgard Steffen¹, João de Campos Aguiar Filho¹, Diana Tannos²



Prof. Dr. Newton de Oliveira

Pelo título, você poderá imaginar que escreveremos sobre virtuose da música, capaz de entreter plateias com acordes e *pizzicatos* de apurada técnica. Não se iluda. Nosso colega e amigo estudou, leu e viajou muito, atividades que lhe asseguraram vasta cultura e erudição, mas, em matéria musical mal saberia distinguir uma clave de fá de uma clave de sol ou um sustenido de um bemol. Os

instrumentos que sabia manejar eram bisturis, pinças, tesouras e tenta-cânulas. De cordas dedicava-se somente às vocais (ele as chamava pregas) e à cordoalha que segura as valvas cardíacas.

Sua partida - antes do combinado, como diria Rolando Boldrin - entristeceu gente como nós três que percorremos o curso de Medicina em sua companhia. Contrastou os que o tiveram como mestre e orientador em Anatomia Humana. Da mesma escola de Odorico Machado de Souza e Renato Locchi - dos quais foi monitor, assistente e sucessor - acreditava no conhecimento da histo-arquitetura do organismo como base de toda Ciência Médica. Deles herdou e professou rigorosidade com justiça na avaliação dos alunos. Apesar do rigor, foi homenageado por formandos de doze turmas, e a uma delas emprestou seu nome (17^a, 1973).

Filho de Lauripes e Emilia de Oliveira, Newton nasceu em Votorantim (Distrito de Sorocaba) aos 26 de fevereiro de 1930. Coursou Científico (colegial) no Ateneu de Campinas e estudou Medicina, de 1951 a 1956, participe da 1^a Turma da Faculdade de Sorocaba. Era sempre o primeiro a chegar à escola médica. Seu pai, executivo do Grupo Votorantim, a caminho do trabalho, deixava-o às 7 horas na porta do Hospital Santa Lucinda. Nosso amigo aproveitava a ocasião para, sob pseudônimo de “O Caveira”, afixar jornal mural com críticas aos diretores e atletas do recém-criado Centro Acadêmico Vital Brazil.

Estudante diligente e focado, “Caveirinha” nunca precisou enfrentar exames de 2^a época ou dependências. Enquanto a maioria de nós virava a noite nas vésperas das provas, ele seguia sua rotina. Fechava livros e anotações, jantava, ia encontrar sua noiva e, lá pelas dez horas, vinha à praça para os amigos. Sem egoísmo, aos que viravam a noite, emprestava suas anotações.

Não pense que nosso colega e amigo era um ‘nerd’ modelo anos 50. Estudava bastante, mas participava ativamente da vida acadêmica e da inocente boemia daqueles anos dourados. Integrou a primeira equipe de basquete e, por três anos, jogou na linha média do time de futebol da AA Vital Brazil.

Newton de Oliveira foi o primeiro dos ex-alunos da Faculdade de Sorocaba a alcançar o título de Doutor com a tese “A crista palatina e seu significado morfofuncional” (1964). Também foi o primeiro a assumir uma cátedra, na sucessão do professor Renato Locchi. Foi o terceiro a atingir a Livre-Docência, título obtido no Centro Universitário Lusíadas (Santos, SP-1971). Foi o primeiro de nós a exercer o caso de Diretor da Faculdade; na divisão do CCMB em Faculdade de Medicina e Faculdade de Ciências Biológicas, ocupou a Direção desta última (1973). Além do curso, participou de bancas examinadoras, orientou teses e formou nova geração de anatomistas: João de Campos Aguiar Filho, Hélio Affonso Silva, Edie Benedito Caetano (atual titular da Disciplina) e José Francisco Moron Morad (presidente da UNIMED - Sorocaba).

Fora da cátedra, exerceu a cirurgia geral. Aposentou-se como cirurgião do Hospital Francisco Ribeiro Arantes (Pirapitingui, Itu). Bom chefe de família, ‘jeitão’ espirituoso e afetivo, era adorado pelas noras, netas e neto. Deixou esposa Nizia Maciel (professora e artista plástica), e os filhos Ney (professor), Nilza (psicóloga), Ned (cardiologista) e Newton (odontólogo, docente de Histologia no CCBM-PUC/SP).

Agora podemos explicar o porquê do violinista. Newton era entusiasta dos reencontros com os colegas autodenominados “fundadores” da Faculdade de Medicina de Sorocaba. Muitas das reuniões preparatórias para esses encontros foram realizadas em sua residência. Quando algum de nós começava a exagerar na louvação aos “velhos e bons tempos”, Newton fingia segurar imaginário violino e trauteava a *bocca chiuza* as primeiras quinze notas de valsinha muito antiga. Era seu jeito sarcástico e bem-humorado de criticar saudosismos e saudosistas. Se existir um céu para anatomistas, ele ali estará. Cercado por Odorico, Locchi, Calazans e Hélio “Caipira”, nos observará enquanto redigimos esta homenagem. Fiel a seu temperamento galhofeiro, apontará: “Estão vendo aqueles três ali?”. Dobra o antebraço esquerdo, quase na vertical, simula dedilhar; membro superior direito fletido, segura invisível arco em movimentos de vai e vem e fricciona fantasmagórico estradivário. Quase dá para se ouvir, vinda daquele céu, a valsinha “Branca”, de Zequinha de Abreu, cantada a *bocca chiuza*.

Sorocaba, outubro de 2013.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 15, n. 4, p. 151, 2013

1. Acadêmico da 1^a Turma do curso de Medicina e ex-professores - FCMS/PUC-SP

2. Acadêmica da 1^a Turma do curso de Medicina e professora do Depto. de Morfologia e Patologia - FCMS/PUC-SP

Contato: edgard.steffen@gmail.com